

A LÍRICA AMOROSA DE VALDELICE PINHEIRO¹

Mari Guimarães Sousa²

RESUMO:

O objetivo deste estudo é analisar a lírica amorosa da poetisa e filósofa itabunense Valdelice Pinheiro (1929-1993), nos poemas intitulados *Rememória*, *Retrato*, *Poema do Adeus*, *E há de ficar em mim*, *Descansa, meu amor* e *Poema de amor para um antigo amado*, tomando como base **O Banquete** de Platão e **A dupla chama: amor e erotismo** de Octavio Paz.

Palavras chave: poetisa itabunense; poesia brasileira, amor e erotismo.

Fazer poesia é parir-se a si mesmo, é colocar-se eternamente gestando e dando-se à luz, no verso que traz feito o poema.

Licenciada em Filosofia pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a poetisa itabunense Valdelice Soares Pinheiro (1929 – 1993), foi professora de Estética e Ontologia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), e também uma de suas fundadoras. Em vida publicou apenas dois livros de poemas, **De dentro de mim** (1961) e **Pacto** (1977), e dois ensaios filosóficos: **Ser e Evolução** (1973) e *Retomada* (in: **Revista FESPI**, 1984), edições atualmente esgotadas. No entanto, Valdelice Pinheiro deixou a maior parte do que escreveu inédita: poemas, ensaios filosóficos, crônicas, rabiscos e reflexões sobre o “poder criador” (processo de produção poética). Em 2002 a Editus publicou a obra **Expressão Poética de Valdelice Pinheiro**, resultado de uma pesquisa que durou quatro anos, de autoria e coordenação da Professora Maria de Lourdes Netto Simões, do Departamento de Letras e Artes da UESC, com apoio desta universidade e do CNPq.

A poesia de Valdelice Pinheiro é eminentemente intimista, de cunho filosófico, sendo a questão do ser e da existência o cerne de sua obra. Para a poetisa, *o ato de filosofar é o próprio ato de ser, de ser para o ser, isto é, o esforço mais verdadeiro para alcançar o fundamento, a totalidade*³. Desse modo seus poemas abordam o amor universal, as desigualdades sociais, a sua íntima relação com a natureza, a sua existência metafísica e também o seu fazer poético.

¹ Trabalho apresentado a Prof^a Dr^a Lúgia Telles, do Curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, para obtenção de crédito da disciplina Teoria da Lírica.

² Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da UFBA.

³ Sempre que ocorrer uma citação em itálico, sem referência, trata-se de texto inédito da poetisa Valdelice Pinheiro.

Filha de desbravadores da Região do Cacau da Bahia, Valdelice Pinheiro passou a sua infância em uma fazenda, *vivendo um estilo e um sentido de vida em que os animais, as árvores e o chão eram fundamentais*. Daí sentir-se una com a natureza. Como poeta-filósofa, anseia voltar-se a si mesma em busca de aprofundamento, *como uma raiz buscando a seiva*, cada vez mais em seu próprio ser, em sua individualidade, visando retomar a inocência perdida do homem primitivo, uno com a natureza, do homem puro, integral. E a poesia é este recurso que possibilita o regresso ao estado primordial, à essência do ser, unidade vivente de pessoa e mundo... *Ah, retomar a inocência, aquele amor que a gente crê nos anjos e nas pessoas, a gente mesma cheia de asas!*

Possuir asas é sempre um desejo de libertação de algo. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1995), as asas são símbolos da desmaterialização, do alijamento de um peso, de liberação da gravitação terrestre, da liberação da alma em sua aspiração ao estado supra individual. Esse auto recolhimento é, conforme a própria Valdelice, um modo de estar consigo mesma, a fim de recompor as vias perdidas, nesse mundo conturbado onde impera a falsa ordem, o caos. A poetisa, em seu exercício diário de compor a sua arte, ganha asas no momento em que se sente invadida pela poesia. A autora descreve a criação poética como uma *explosão: Coisas se passam pela minha cabeça... não, não é como se fossem sonhos ou desejos - passam rápidos como um relâmpago e explodem pela mão nestas coisas que digo...*

Segundo Paz (1996, p. 54), “o poeta fala das coisas que são suas e de seu mundo, mesmo quando nos fala de outros mundos”. O poeta, embora comungue com a sociedade em que vive, ele é, na verdade, “um ser à parte, um heterodoxo por fatalidade congênita”. Por isso, “a freqüente acusação que se faz aos poetas de serem aéreos, distraídos, ausentes, nunca totalmente deste mundo, provém do caráter de seu dizer” (idem, p. 56)

Na doutrina filosófica da imaginação, Bachelard (2002) propõe marcar os diferentes tipos de imaginação pelo signo dos *elementos materiais* (fogo, ar, água, terra), pois toda poética deve auferir componentes de essência material que deve aliar mais fortemente as almas poéticas.

Para que um devaneio tenha prosseguimento com bastante constância para resultar em uma obra escrita, para que não seja simplesmente a disponibilidade de uma hora fugaz, é preciso que ele encontre a sua *matéria*, é preciso que um elemento material lhe dê sua própria substância, sua própria regra, sua poética específica. (BACHELARD, Op. cit. p. 4)

E cita Lessius para classificar os devaneios de acordo com o elemento material que os caracterizam:

Os sonhos dos *biliosos* [fogo] são de fogo, de incêndios, de guerras, de assassinios; o dos *melancólicos* [terra], de enterros, de sepulcros, de espectros, de fugas, de fossas, de tudo quanto é triste; os dos *pituitosos* [água], de lagos, de rios, de inundações, de naufrágios; os dos *sanguíneos* [ar], de vôos de pássaros, de corridas, de festins, de concertos e até mesmo de coisas que não ousamos nomear. (idem, p. 4)

Na poética-filosófica de Valdelice Pinheiro são muito recorrentes os poemas em que predominam a ânsia por liberdade. Inclusive liberdade poética que pode facilmente ser observada em sua obra através de seus versos livres e de linguagem acessível, pois não é o rebuscamento das palavras que melhor qualifica um poema, em sua opinião. A luta pela transcendência da palavra poética se dá pela riqueza da combinação entre sentido e significado que as palavras almejam concretizar no poema. Em vista disso, a sua linguagem é simples, toda nascida da espontaneidade do cotidiano para que o *povo possa senti-la*. [pois] *É preciso compreender as palavras*. Assim, não há preocupações com rebuscamentos, mas com a comunicabilidade dos seus poemas. A sua pretensão é de que a sua poesia seja clara e sem mistérios.

Em geral esse sentimento de liberdade é representado em sua obra por termos conectados ao elemento ar: “pássaros”, “asas”, “vôo”, “vaga-lumes”, “explosões”, “vento”, “penas”, etc. Valdelice Pinheiro tinha especial admiração pelos pássaros, sempre abordados como símbolos vivos de liberdade. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1995), os gregos consideravam os pássaros como mensageiros do céu. Na concepção de Valdelice, o poeta é esse mensageiro, esse ser intermediário, que possibilita o intercâmbio entre a terra e o céu; entre o mundo sensível e o mudo inteligível.

Quando a alma da poetisa já não comporta a angústia do existir, esse sentimento é transmutado em poesia: *Dá-me que eu possa sonhar que tenho asas, não asas de anjo (...), mas asas de passarinhos...* E de sua inquietação brotam inúmeros poemas conectados ao elemento ar, como no metapoema *Um borrão de cinza* em que Valdelice fala da luta do poeta em seu ato criativo

Um borrão de cinza

*Um borrão de cinza
sobre a folha em branco
desenhou-se garça
levantando vôo.
De repente então,
a estática liberdade da cinza
criou vida
no movimento da ave.
E logo fêz-me em mim
o tempo e a eternidade
(Pinheiro, 2002, p. 57)*

Octavio Paz (1996) descreve a experiência poética como a consagração do ser humano, que ocorre num dado momento em que a própria liberdade desdobra-se para alcançar algo, realizando o homem por aquele instante. Talvez por isso tenhamos a sensação de que a palavra poética é de outro mundo. Pelo poder arrebatador que possui em nos conduzir para outras paisagens, outras realidades. Exercendo em nós um estado de encantamento, ampliando a nossa visão de mundo.

Em sua lírica amorosa a concepção platônica do amor se faz presente, isto é, o amor como desejo, carência de algo que não possui completamente. A partir dessas breves considerações, o objetivo deste estudo é analisar a lírica amorosa de Valdelice Pinheiro, nos poemas intitulados *Rememória*, *Retrato*, *Poema do Adeus*, *E há de ficar em mim*, *Descansa, meu amor* e *Poema de amor para um antigo amado*, tomando como base **O Banquete** de Platão e **A dupla chama: amor e erotismo** de Octavio Paz.

Rememória

*Éramos o sumo quente e verde
do infinito,
entre a semente e o fruto,
a flor e a terra.
Germinamos o tempo
em pólen de saudade
e busca,
num beijo de eternidade,
amor e pranto.
Chegamos outra vez.
E as nossas vidas então
são flor sem vento,
rememória do amor
na dor do desencontro.*

Rememória é um poema que traduz um sentimento nostálgico, uma descida, um retorno às origens do que outrora fora uma grande promessa de amor infinito: *Éramos o sumo quente e verde/ do infinito*. O amor que encontrara as condições fecundas para o seu enraizamento, o amor-flor que se desponta com uma promessa de frutos, uma força intermediária, gerada *entre a semente e o fruto*. Marcado pela eternidade do momento, o sentimento amoroso é germinado pela ausência, pelo *pólen de saudade*, pela *busca* incessante do outro *num beijo de eternidade*. Conforme Drummond

Eterna é a flor que se fana
se soube florir
é o menino recém-nascido
antes que lhe dêem nome
e lhe comuniquem o sentimento do efêmero
é o gesto de enlaçar e beijar
na visita do amor às almas

eterno é tudo aquilo que vive uma fração de segundo
mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força o resgata

(Carlos Drummond de Andrade, 1954)

Eterno é o que na memória involuntária ficou inesquecível, marcado pela dor do desengano, *do desencontro*, a fugacidade das coisas que se revela em uma vacuidade inefável. Numa dimensão disfórica, ao rememorar, o eu lírico mostra-se profundamente angustiado ao apontar os desencontros e desajustes do amor.

*Chegamos outra vez.
E as nossas vidas então
são flor sem vento,
rememória do amor
na dor do desencontro.*

Em **Retrato**, assim como em **Rememória**, amor e dor são movimentos contraditórios e, ao mesmo tempo, inseparáveis. O tom auto-confessional do poema traz o **retrato** como o correlato da saudade, da constatação de uma ausência que fora provocada pela lembrança de um amor, não necessariamente erotizado, que foi vivido intensamente. O amor está na base desse sofrimento. *Nas ânsias do amor*, o peito encontra-se dilacerado, *perdido de dor*. Novamente, a desilusão amorosa resulta da dor do desencontro, da separação. O amor aponta caminhos e a sua ausência, na mesma proporção, propicia o desalento: *E os pés sem caminho/marcando,/sem passo,/um destino sem traço, sem voz/e sem cor*. Sem fé, sem esperança.

Retrato

*O canto contido
no centro do corpo,
o pranto pasmado,
perdido de dor,
o gesto partido
nos dedos sem fé,
o peito matado
nas ânsias de amor.
E os pés sem caminho
marcando,
sem passo,
um destino sem traço,
sem voz
e sem cor*

Conforme Octavio Paz (Op. cit., p. 35), “o território do amor é um espaço imantado pelo encontro de duas pessoas”, uma vez que a idéia do encontro exige duas condições contraditórias: a predestinação e a escolha. A primeira provém de uma atração involuntária, de um magnetismo secreto que arrasta o indivíduo de modo inevitável; a segunda está sujeita

ao livre-arbítrio, à decisão voluntária do indivíduo. Duas forças que, majoritariamente, são as causadoras dos conflitos amorosos, pois, segundo Paz, para que o destino se cumpra faz-se necessário a cumplicidade dos amantes.

No entanto, apesar de toda a dor que o poema *Retrato* evoca, o desencanto não se mostra infundável, mas que exige tempo para a sua cura. A experiência vivida não evoca descrença no amor, mas o entendimento de que o amor possui uma outra face, e que esta é quase sempre inevitável de ser vivenciada.

No *Poema do Adeus*, como poderemos verificar a seguir, a dor causada pela separação do ser amado ainda persiste. No entanto, diferentemente dos poemas anteriores, a intensidade do encontro (e da despedida) nos permite observar o erotismo da experiência amorosa, agora realizada no plano físico. A fusão amorosa, ainda que efêmera, desencadeia o iminente desejo de permanecer no outro, de se deixar ficar, de se guardar no outro, um encontro de proporções quase místico. O desejo de diluir-se no outro se torna possível através das secreções amorosas: o cheiro do próprio corpo, o gosto de sangue deixado na boca, o peso do pranto. A sofreguidão do encontro, causada pelas interdições condicionadas ao amor, se eterniza no poema através do *longo canto de amor*/ [...] *Fico em ti:/sonhos,/ sangue,/ pranto,/ canto, /eu.*

Poema do adeus

*Deixo em teus braços
a colina de meus sonhos,
em teus cabelos
o cheiro de meu corpo
e sobre teus ombros
o peso de meu pranto.
Fica em tua boca
o gosto de meu sangue
e em tuas mãos
a magia elétrica de meus
dedos.*

*Guardo em teus pés
os passos que eu parei
e em teus ouvidos
o longo canto de amor
que agora digo
Fico em ti:
sonhos,
sangue,
pranto,
canto,
eu.
E partirei,
o corpo exausto e oco.*

Amor como doação total de si, revela um sujeito lírico exausto e oco. O caminho do desengano não leva à salvação do eu e sim à revelação de uma vacuidade infável e indizível. No poema vemos uma desapareição gradativa, um esvaziamento progressivo do sujeito lírico.

Porém, dois vocábulos presentes no poema parecem contradizer esse esvaziamento: *pés* e *passos*. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (Op. cit.) os *pés*, assim como os *passos*, simbolizam aproximações, já que facilitam os contatos e suprimem as distâncias. Além disso, os pés tanto deixam como levam as marcas dos caminhos por onde passou. Os pés estabelecem contato direto entre a terra e a manifestação corporal, uma vez que a caminhada deixa rastros, marcas. E, em se deixando marcas, há sempre algo que fica, que permanece na lembrança.

No poema a seguir, cujo primeiro verso é *E há de ficar em mim*, à tônica da despedida é muito semelhante ao do poema anterior, no entanto, há a expectativa de regresso do ser amado.

*E há de ficar em mim,
colado em corpo e sal,
o sal de teus cabelos
balançando adeus.
E há de ficar em mim,
cantando em boca e mel,
o mel de teu sorriso
me trazendo a volta.*

A presença do termo sal no poema orienta a leitura para uma significação do amor como cristalização. O sal é extraído da água do mar pela evaporação, ou seja, através de um fogo que é libertado das águas salgadas. O sal deriva da combinação de duas substâncias complementares ($H_2O + NaCl$) que resulta na cristalização, solidificação, estabilidade e incorruptibilidade. Conforme Chevalier e Gheerbrant, para os hebreus o sal representa fraternidade e amizade indestrutível já que se trata de uma substância que deve ser compartilhada. Por outro lado, o mel simboliza a doçura, a suavidade, o alimento vital que traz a imortalidade. É também uma representação da paz, da espiritualidade evoluída e do alimento dos deuses.

O poema evoca o mito de Eros e Psique que, na visão de Octavio Paz, trata-se de um amor mútuo e correspondido, ou seja, nenhum dos amantes é objeto de contemplação para o outro. No conto de Apuleio, citado por Paz, Psique foi castigada pela sua curiosidade a descer ao palácio subterrâneo de Plutão (Hades), passada a terrível prova, Psique retorna à luz e além recuperar o seu amante, eleva-se progressivamente da condição de mortal à imortalidade divina, ao unir-se a divindade Eros.

No poema sem título, cujo primeiro verso é *Descansa, meu amor*, traz a experiência do reencontro. Nessa perspectiva, o poema também evoca o mito de Eros e Psique. O conforto mútuo se faz sentir através dos versos: *Descansa, meu amor./ Que seja meu/ o gesto de teu braço/*. E o aconchego nos versos: *Vem./ descansa aqui em mim,/ sobre o meu corpo./Eu te levo./* Sugere um amor sereno, sossegado.

*Descansa, meu amor.
Que seja meu
o gesto de teu braço
e deixa a força de teus pés
sob o meu rastro.
Vem.
descansa aqui em mim,
sobre o meu corpo.
Eu te levo.
O meu amor
te faz imponderável,
não há degraus
e eu tenho asas.*

A visão do amor como fator de elevação se faz presente nos versos: *Eu te levo./ O meu amor/ te faz imponderável,/ não há degraus/ e eu tenho asas.*

As asas são aqui interpretadas como símbolos de leveza espiritual, de passagem ao corpo sutil. Este, por sua vez, evoca a ascese platônica, isto é, um impulso para a transcendência da condição humana. Entretanto, o amor, que no poema é personificado como o próprio cupido já que é dotado de asas, dispensa os degraus exigidos pela ascese platônica. Trata-se de uma das personificações do amor que, segundo Pessanha (1087, p. 95) “rege as relações de superfície, amenas, cordiais, mas sem profundidade e sem compromisso com o trágico.

Chevalier e Gheerbrant afirmam que as asas são conquistadas mediante uma educação iniciática e purificadora por vezes longa e ariscada, como bem pode ser observado no **Banquete** e no **Fedro**, de Platão.

Dentre os discursos ou elogios ao amor pronunciados pelos sete comensais do **Banquete**, hierarquizados por Platão no intuito de anunciar uma ascese apolínea, o discurso de Aristófanes se destaca pela beleza de seu pronunciamento ao tentar elucidar, através do mito do andrógino original, o mistério da atração universal entre os seres humanos. Segundo Aristófanes, para entender o sentimento de incompletude do ser humano, faz-se necessário compreender a sua natureza e as suas vicissitudes. No início, conta Aristófanes, inteiriça era a forma de cada homem. Havia três sexos compostos por seres duplos: o masculino, o feminino e o andrógino. Por serem dotados de grande inteligência e força física, estes seres eram extremamente arrogantes e, por isso, constituam uma ameaça constante aos deuses. Com a

intenção de subordiná-los, Zeus os dividiu em duas partes. Desde então, as metades separadas andam em busca umas das outras a fim de se complementarem entre si, numa espécie de fusão amorosa, tema que propomos analisar a seguir, no *Poema de amor para um antigo amado*.

Poema de amor para um antigo amado

*Atravesso
o morno espaço
de teu corpo,
cumpro
a distância ligeira
de teus passos
e me componho
e me acho
e me refaço
e chego
na doçura infinita
de teus braços.*

Assim, a breve abordagem que pretendemos, enfocando o amor como carência do outro, será efetuada em duas vertentes. A primeira, que remete a idéia de nascimento e morte, dois temas antagônicos, mas com inseparáveis pontos de interseção entre os mesmos. A segunda, sobre a reatualização do mito andrógino, onde observaremos a fusão amorosa como ideal de completude do ser.

Já nos primeiros versos do poema, *Atravesso/ o morno espaço/ de teu corpo,* é possível perceber a idéia de parto, de nascimento, de passagem, travessia. O *morno espaço* pode ser aqui interpretado como o espaço uterino, lugar de acolhimento materno. Espaço aconchegante, porém, uma espécie de refúgio temporário. Lugar de composição do ser: *cumpro/ a distância ligeira/ de teus passos/ e me componho/*. No entanto, o trauma do nascimento (temática extensivamente abordada pelos psicanalistas), enquanto rompimento desse outro ser, é amenizado na voz poética pelo acolhimento, *e me acho/ e me refaço/ e chego/na doçura infinita/de teus braços*. A morte, no poema, ocorre de modo simbólico, ao passar de um estágio (não-nascido) para o outro (nascimento como tomada de consciência). O fim de uma fase, portanto, morte, e o início de outra: o nascimento.

Na perspectiva erótica, a incompletude do ser se mostra no percurso amoroso que revela o encontro, a fusão amorosa: o um estar dentro do outro, complementando-se um ao outro: a plenitude amorosa tão desejada pela alma humana. *Atravesso/ o morno espaço/ de teu corpo [...] e me acho/ e me refaço/ e chego/na doçura infinita/de teus braços*. Conforme Paz,

O amor é atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma. O amor é escolha; o erotismo aceitação. Sem erotismo – sem forma visível que entra pelos sentidos – não há amor, mas este **atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma, o corpo. A pessoa inteira.** (PAZ, 1994, p34; grifos meus.)

Na concepção do mito do andrógino, o encontro amoroso faculta a recomposição da unidade perdida. O amor é fundamentalmente,

não a busca do semelhante, mas a busca da totalidade partida, da unidade quebrada. Por isso o amor parte desse sabor que o ser humano experimenta de falta, de mutilação, de incompletude. O desejo de unir-se ao amado provém dessa sensação de ser apenas parte, metade de um todo. (PESSANHA, 1987, p. 94)

Embora a concepção platônica do amor, proferida por Sócrates/Diotima, envolva uma escala ascensional, ou seja, o amor como uma peregrinação que visa a descobrir outros aspectos que só podem ser vistos além dos olhos, isto é do entendimento, o poema analisado deixa em aberto tal proposição, legando ao leitor a transcendência de sentidos.

À guisa de conclusão, o que pretendemos ressaltar, além de reconhecer que Valdelice Pinheiro apresenta uma visão própria do amor, é que o seu fazer poético caminha *pari passu* com o seu fazer filosófico, numa interação textual completiva que traduz o seu processo enunciativo de forma leve e comunicativa, sem, no entanto, comprometer a *consistência* e a *multiplicidade* (CALVINO, 1991) de sua poesia. Assim, a revisitação poético-filosófica sobre o amor pela poetisa reafirma a busca incessante da essência do ser em sua ânsia de completude, uma vez que o amor, na concepção platônica, é falta, deficiência e, ao mesmo tempo, consciência disso. Tal consciência confere ao homem a capacidade para sair de si mesmo, para transcender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: CULTRIX, 1990.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Schwarcz, 1991. 141 p.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (Org.). Tradução de Vera da Costa e Silva et al. **Dicionário de Símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) 9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. 996 p.

PAZ, Octavio. **A dupla Chama**: Amor e Erotismo. Trad. Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. A Consagração do Instante. In: **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 51-62

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Expressão poética de Valdelice Pinheiro**. Ilhéus: Editus, 2002. 150p.

PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor. In: CARDOSO, Sérgio (org.). **Os sentidos da paixão**. 2. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 77-103.

PINHEIRO, Valdelice. **Pacto**. Rio de Janeiro: Olímpica, 1977, p. 65

_____. Retomada: **Revista FESPI**: Ilhéus, ano II, n 3, jan/jun, p.8,1984,

_____. **Ser e evolução**, Ilhéus, FESPI,1973. p. 18

_____. Acervo Inédito.(manuscritos e datiloscritos) s.d.

PLATÃO. **O banquete**. Trad. J. Cavalcante de Souza. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.